



A REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS NEGROS NAS ILUSTRAÇÕES DE UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA

*Pedro Henrique Barbosa de Souza*¹

*Camila Cristina Damasceno*²

*Stela Maris Bretas Souza*³

Resumo: Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva e documental cujo objetivo foi analisar as representações atribuídas ao personagem negro em comparação ao branco, nas ilustrações de um livro didático de Língua Portuguesa. Para tanto, utilizou-se o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) para obter os dados quantitativos e a Análise de Conteúdo para o tratamento dos dados qualitativos. Feito os procedimentos de análise foi possível verificar que em sua maioria, os personagens encontrados eram brancos, e que os personagens negros eram sub-representados, ou seja, eram encontrados de maneira estigmatizada, em condições de miséria e pobreza. Além disso, foi comum perceber que os personagens negros apareciam em minoria no que se refere as relações familiares, profissões ou em atividade escolar, comparados aos personagens brancos.

Palavras-chave: Relações Raciais; Livro Didático; Negros.

THE REPRESENTATION OF BLACK CHARACTERS IN ILLUSTRATION OF A PORTUGUESE TEXTBOOK

Abstract: It is an exploratory, descriptive and documentary research whose objective was to analyze the representations attributed to the black person in comparison to the white, in the illustrations of a didactic book of Portuguese Language. For this purpose, the SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) program was used to obtain the quantitative data and the Content Analysis for the treatment of qualitative data. Once the analysis procedures were done, it was possible to verify that the characters found were mostly white, and that the black characters were underrepresented, that is, they were found in a stigmatized way, in conditions of poverty and poverty. In addition, it was common to see that black characters appeared in the minority as far as family relations, professions, or school activity were concerned, compared to white characters.

Key-words: Racial Relations; Textbook; Blacks.

LA REPRESENTATION DES CARACTERES NOIRS DANS LES ILLUSTRATIONS D'UN MANUEL DE LANGUE PORTUGAISE

Résumé: C'est une recherche exploratoire, descriptive et documentaire dont l'objectif était d'analyser les représentations attribuées à la personne noire par rapport au blanc, dans les illustrations d'un livre didactique de la langue portugaise. À cette fin, le programme SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) a été utilisé pour obtenir les données quantitatives et

¹ Mestrando em psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. *E-mail:* pedrobtk@hotmail.com

² Psicóloga graduada pelo Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (2017). *E-mail:* kamilacristina_07@hotmail.com

³ Mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, professora nos cursos de pedagogia e psicologia do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais. *E-mail:* smbretas@uol.com.br



l'analyse de contenu pour le traitement des données qualitatives. Une fois les procédures d'analyse terminées, il a été possible de vérifier que les caractères trouvés étaient principalement blancs et que les caractères noirs étaient sous-représentés, c'est-à-dire qu'ils étaient stigmatisés, dans des conditions de pauvreté et de pauvreté. En outre, il était fréquent de voir que les caractères noirs apparaissaient dans la minorité en ce qui concerne les relations familiales, les professions ou l'activité scolaire, par rapport aux caractères blancs.

Mots-clés: Relations raciales; Livre didactique; Noir.

LA REPRESENTACIÓN DE CARACTERES NEGROS EN LAS ILUSTRACIONES DE UN LIBRO DE TEXTO PORTUGUÉS

Resumen: Se trata de un estudio exploratorio, descriptivo y documental que analiza las representaciones asignadas al carácter negro en comparación con los blancos, las ilustraciones de un libro de texto portugués. Para ello, se utilizó el programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) para obtener los datos cuantitativos y el Análisis de Contenido para el tratamiento de los datos cualitativos. Hecho los procedimientos de análisis fue posible verificar que en su mayoría, los personajes encontrados eran blancos, y que los personajes negros eran sub-representados, o sea, eran encontrados de manera estigmatizada, en condiciones de miseria y pobreza. Además, fue común percibir que los personajes negros aparecían en minoría en lo que se refiere a las relaciones familiares, profesiones o en actividad escolar, comparados a los personajes blancos.

Palabras-clave: Relaciones Raciales; Libro Didáctico; Negro.

INTRODUÇÃO

Dentre os recursos utilizados no cotidiano escolar, nota-se que o livro didático tem tido um papel de destaque na educação brasileira, pois, em algumas escolas em que materiais pedagógicos são restritos, tem-se os livros didáticos como instrumentos que contribuem para a aprendizagem. (Silva, A., 2005)

Desta forma, somente no ano de 2016 mais de 128 milhões de exemplares foram distribuídos em pelo menos 121.574 escolas, conforme o site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/FNDE. Além disso, o LD⁴ muitas vezes constitui-se como a única fonte de leitura para os estudantes brasileiros, principalmente para aqueles que não têm condições de comprar outro tipo de material (Silva, A., 2005).

Levando em conta a utilidade do LD e o uso contínuo para a educação brasileira, surge uma inquietação mediante as relações raciais nesse contexto, pois, o que se pode perceber em análises feitas anteriormente, por Nascimento (2009), Paulo Silva (2005) e Santos (2012) é de que os conteúdos dos LD's veiculam teorias estereotipadas de inferioridade/superioridade racial, promovendo exclusão, auto rejeição e a cristalização de indivíduos negros em papéis estigmatizados (Silva, A., 2005).

⁴ Livro didático será abreviado como LD no singular e LD's no plural.

Sendo assim, as crianças negras que se veem representadas por meio de papéis submetidos nas ilustrações dos livros didáticos, podem desenvolver um processo de auto rejeição e também rejeitar o seu grupo étnico racial. (Silva, A., 2005).

Em meio a esse cenário das relações raciais nos livros didáticos, destaca-se a Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino de cultura e história afro-brasileira e africana nos currículos escolares brasileiros.

Diante dessas considerações, problematiza-se: como são representados os personagens negros em comparação aos brancos nas ilustrações dos LD's da rede pública de Timóteo entre os anos de 2017- 2019?

A partir deste questionamento tem-se a seguinte hipótese: os sujeitos e a cultura negra são representados em condições inferiores ao branco.

Neste sentido, o objetivo geral deste trabalho é de analisar as representações atribuídas aos personagens negros em comparação ao branco, nas ilustrações de um livro didático que está sendo utilizado na rede municipal de ensino básico de Timóteo-MG. Como objetivos específicos têm-se identificar os personagens negros e brancos que aparecem nas ilustrações e textos do livro didático; diferenciar os papéis atribuídos aos personagens⁵ negros e brancos, conforme são apresentados nos livros; comparar os papéis imputados aos personagens, de acordo com as condições em que os negros e brancos são apresentados no livro didático.

Para tanto, foi realizado uma pesquisa exploratória, descritiva e documental, no qual se utilizou da análise quantitativa, com o programa SPSS, bem como da análise de conteúdo conforme proposto por Bardin (1977), para o tratamento dos resultados encontrados.

Tendo em vista os objetivos citados acima, foram organizados os conhecimentos que orientaram o desenvolvimento desse estudo da seguinte maneira: inicialmente foi discutido as relações raciais entre negros e brancos no Brasil, dando ênfase ao período que se dá a partir do século XIX, por ser o momento em que os manuais didáticos foram incorporados na educação brasileira (Silva, 2012); a seguir, caracterizou-se o cenário nacional referente a produção e avaliação do LD; por fim, realizou-se uma síntese dos resultados das pesquisas que abordam a representação dos indivíduos negros no LD.

⁵ Paulo Silva (2005) entende personagem como sinônimo de pessoas, podendo se apresentar em diferentes naturezas, como humano, ser fantástico, animal ou planta antropomorfizada



Espera-se, por fim que este estudo possa contribuir nas discussões de uma educação pautada no reconhecimento à diversidade, dignidade e direitos humanos, principalmente no que se refere às relações étnico-raciais, bem como contribuir para a luta do negro na militância em busca de oportunidades e valorização.

RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL

Não se sabe ao certo, mas estima-se que pelo menos quatro milhões de africanos foram retirados violentamente de suas comunidades e transportados para as terras brasileiras entre o século XVI e meados do século XIX para se tornarem escravos. A exploração da mão de obra africana tornou-se a principal fonte das riquezas produzidas no Brasil por mais de trezentos anos (Albuquerque; Fraga Filho, 2006). Em 1888, o trabalho escravo foi abolido legalmente no Brasil, porém, os séculos de escravidão resultaram em hierarquias, desigualdades e alienações da população negra brasileira (Ianni, 2005).

A partir do século XIX, com o surgimento de produções discursivas de diversos intelectuais, que de acordo com Munanga (1988 apud Ferreira, 2010) se instituiu o racismo. Sendo este, entendido como uma ideologia em que determinados grupos são vistos como inferiores, por causa de suas características físicas e/ou culturais; e posteriormente, passa a ser utilizada como justificativa para excluir seus integrantes de acesso a recursos materiais e simbólicos (Essed, 1991, apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003).

No fim do século XIX, negros e mestiços chegaram a compor 55% do total da população brasileira no censo de 1872. A elite brasileira da época, que era influenciada pelas teorias raciais europeias do século XIX (Schwarcz, 2001), consideravam esses dados demográficos motivo para a degradação moral e social do país (Telles, 2003 apud Santos, 2012).

As teorias raciais do século XIX suporam que os atributos fenotípicos eram elementos que definiam a moralidade de um povo (Schwarcz, 2012), ou seja, quanto mais negro um povo, mais degradado moralmente ele é. Isso foi para a elite brasileira um problema, pois o país era majoritariamente negro e mestiço. Na tentativa de solucioná-lo, foram tomadas medidas conhecidas como doutrina do branqueamento, em que o branco era valorizado e o negro inferiorizado (Bento, 2006).

Imaginava-se que a “raça branca” era mais “forte” e que a mistura das raças caminharia para o embranquecimento da população (Santos 2012). Dessa forma, a



miscigenação iria anular a superioridade numérica da população negra e contribuiria para alienação do negro e de seus descendentes mestiços evitando possíveis conflitos raciais e garantindo o comando do país ao segmento branco (Munanga, 1999).

Sendo assim, a mestiçagem passa a ser cada vez mais valorizada pela elite brasileira (Telles, 2003 apud Ferreira, 2010). Desta forma, a mestiçagem, ganhou força nos anos 1930 e 1940, principalmente com a publicação de *Casa Grande e Senzala* (1933) por Gilberto Freyre, principal marco teórico dessa nova forma de compreensão das relações raciais no Brasil. Em sua obra, Freyre destacou a importância dos três grupos raciais (negros, brancos e indígenas) na constituição do povo brasileiro. A mistura de raça, então passou a ser vista como algo positivo e como indicador de que não há conflitos raciais no Brasil (Santos, 2012).

Portanto, a mestiçagem, etapa transitória do processo de branqueamento, foi um conceito fundamental para a ideologia racial brasileira (Munanga, 1999). Conforme Paulo Silva (2005, p. 54), “a ideologia do branqueamento alimentou a noção de democracia racial” que se manifestava como um conjunto de crenças no qual o Brasil era um lugar harmonioso entre as raças, portanto livre de preconceitos raciais (Guimarães, 2006). Para Moore (2009) a democracia racial não passa de um mito que atuou na manutenção do *status quo* sociorracial por quase um século.

Todavia, não demorou muito para que as críticas a concepção de democracia racial começassem, dentre estas, destacam-se as pesquisas do “Projeto da UNESCO” iniciado na década de 1950 (Silva, P., 2005). Esses estudos contaram com as contribuições de pesquisadores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Thales de Azevedo, Fernando Henrique Cardoso, entre outros estudiosos que compunham a “Escola de São Paulo”. Como conclusão de seus estudos, eles puderam identificar a presença do “preconceito de cor” no Brasil (Roesemberg; Bazilli; Silva, 2003). Diante do exposto, pode-se inferir que os discursos racistas ao longo da história brasileira, são atravessados pela ideologia do branqueamento e pelo mito da democracia racial (Nascimento, 2009).

No entanto, somente a partir dos anos 2000, foi que o Estado brasileiro reconheceu pela primeira vez as desigualdades raciais entre a população negra e branca no Brasil, desmitificando, portanto, o mito da democracia racial. Apesar disso, ainda existe uma tendência em trivializar o racismo, reduzindo-o e banalizando-o (Moore, 2009).

Entretanto, conforme observado nas análises feitas pelo *Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil 2009-2010*, pretos e pardos estão em condições inferiores, se comparados a população branca em diversas áreas como educação, saúde, acesso ao mercado de trabalho, índice de pobreza. Percebe-se, assim, a persistência do racismo estrutural, ou seja, para além das relações interpessoais (Santos, 2012).

No que tange as desigualdades raciais no contexto educacional, um dos aspectos observados é a existência de materiais pedagógicos carregados de conteúdos depreciativos e estereotipados da África e do sujeito negro (Munanga, 2005). A presença desses conteúdos nos LD's contribui para a efetivação da ideologia do branqueamento, uma vez que ajuda a propagar uma imagem negativa do indivíduo negro, bem como a visão da superioridade dos valores e do indivíduo branco (Silva, A., 2005).

A seguir, busca-se caracterizar o cenário nacional referente à produção desse material no Brasil.

LIVROS DIDÁTICOS NO BRASIL

A utilização sistemática dos manuais didáticos no Brasil remete ao período imperial no século XIX, principalmente após a chegada da Corte Portuguesa em 1808 (Silva, 2012). No entanto, até cerca de 1920, os LD's utilizados eram importados de países europeus. Os materiais didáticos produzidos por autores brasileiros se intensificaram a partir da década de 1930 devido a massificação do ensino no país (Gatti Júnior, 1988 apud Silva, P 2005).

Atualmente a indústria do livro brasileira, tem o LD como o seu principal instrumento de venda, o que o caracteriza como um meio de comunicação de massa tornando-o peça fundamental na produção, transmissão e recepção de formas simbólicas, ou seja, eles podem produzir e difundir discursos que fundam relações de desigualdade (Thompson, 1995 apud Silva, P., 2005).

No que se refere à política nacional para o livro didático, ao longo dos anos foram criados diferentes órgãos para regulamentar a produção e distribuição desses instrumentos (Silva, P., 2005). Desde 1985, por meio do decreto nº 91.542 esta função encontra sob responsabilidade do Programa Nacional do Livro Didático/PNLD (Brasil, 1985). Conforme informações obtidas no site do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação/FNDE, o principal objetivo do PNLD é distribuir trienalmente materiais didáticos aos alunos da educação básica.



Quanto à preocupação do PNLD em relação aos conteúdos veiculados nos LD's, verifica-se uma ação efetiva a partir de 1996, quando os instrumentos passaram a ser avaliados sistematicamente, com a finalidade de evitar erros conceituais e propagação de conteúdos preconceituosos (Santos, 2012). Desde então, foi vedado aos LD's veicularem expressões preconceituosas quanto à origem, cor, raça e etnia (Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003).

Além disso, pode-se ressaltar a mudança na forma em que são redigidos os editais do PNLD. Eles deixaram de especificar critérios genéricos de eliminação do preconceito para um texto positivo que induz a promoção da diversidade, incorporando normas legais e instruindo os atores sociais que participam da produção, com critérios explícitos que valorizem os grupos minoritários (Silva; Teixeira; Pacifico, 2013).

Entretanto, Beisegel (s/d apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003) aponta que os livros excluídos pela avaliação, não o foram por causa da discriminação e que os avaliadores vêm se preocupando apenas com expressões explícitas de preconceito. Em síntese, foi observado que os pareceres dos livros excluídos ou não recomendados ocorreram por outro motivo, que não a presença do discurso racista, ou seja, os esforços realizados pelo PNLD para evitar conteúdos preconceituosos obtiveram resultados restritos. Reiterando os dados acima, Müller (2013) sugere maior rigor na avaliação dos livros que serão utilizados para os próximos triênios.

Outra medida que implica diretamente no combate do racismo contra a população negra nos LD's foi a promulgação da lei 10.639 de 2003, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira respectivamente nos currículos nacionais. Nota-se que após a emissão dessa lei houve um aumento no número de textos e materiais didáticos e paradidáticos que valorizavam a cultura e identidade negra (Jesus, 2012).

Entretanto, é vago afirmar que a legislação por si só dá conta do seu propósito em todos os livros editados após sua promulgação, bem como da organização do trabalho pedagógico (Jesus, 2012). Como exemplo, uma pesquisa realizada por Rodrigues e Cardoso (2010 apud Santos, 2013), aponta que existem conteúdos estereotipados nos materiais produzidos, posterior a promulgação da lei.

A seguir, será apresentada uma síntese dos estudos que envolvem a representação dos indivíduos negros em LD's.

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM LIVROS DIDÁTICOS

Apesar do aumento de produções acadêmicas das relações raciais na área de educação (Müller, 2015), se observa que são poucos os estudos que dão ênfase ao tema do discurso racista em livros didáticos (Silva, 2006). Entre os anos de 1987 e 2001, Silva (2006) encontrou 44 referências abordando o assunto, enquanto no período entre 2003 a 2013, Müller (2015) verificou 41 teses e dissertações sobre o tema.

No entanto, os estudos brasileiros sobre o preconceito e estereótipo raciais no LD iniciaram nos anos de 1950, com a pesquisa de Dante Moreira Leite (1950 apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003) denominada *Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros*. Os trabalhos de Bazzanella (1957 apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003) e Holanda (1957 apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003) deram prosseguimento nas pesquisas da época. Negrão (1987) aponta que os objetivos dos estudos nesse período, eram de captar a veiculação explícita de conteúdos estereotipados nos materiais didáticos. Os resultados encontrados foi um baixo índice de ocorrências explícitas de preconceitos.

Em um segundo momento de estudos, entre os anos de 1970 a 1980, percebe-se uma mudança metodológica caracterizada pelo desvelamento do discurso racista implícito, ou seja, não se buscaram apenas as formas de racismo que apareciam de forma grotesca, mas também o plano simbólico e material do racismo que se manifestam de maneira latente. Tal transformação só foi possível a partir do momento em que foi questionado o mito da democracia racial (Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003). De maneira geral, as pesquisas realizadas nesse período indicavam a naturalização e universalização da condição de ser branco, bem como a sub-representação de negros nos textos e imagens didáticas (Santos, 2013). Dentre os trabalhos produzidos nessa época destacam-se as pesquisas de Rego (1976) e Nosella (1978) (Pinto, 1987).

A partir da década de 1980, observa-se um terceiro momento das produções acadêmicas sobre as relações étnico-raciais em LD's. Destacam-se os trabalhos realizados por Rosemberg (1980 apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003), Pinto (1981 apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003) e Tavares (1981 apud Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003). Conforme Negrão (1987), houve uma mudança no enfoque de estudo, que passou a se preocupar em caracterizar a relação entre os emissores e os receptores dos materiais didáticos de maneira geral. Na maior parte dos casos, os resultados apontam que uma



relação entre desiguais é estabelecida, ou seja, pode-se dizer que o adulto, emissor do texto didático, narra aos receptores (crianças/adolescentes) uma sociedade idealizadamente branca e adulta (Rosemberg; Bazilli; Silva, 2003).

Quanto aos estudos mais recentes, verificam-se que vários têm por objetivo analisar as mudanças e permanências do discurso racista nos LD's, principalmente para verificar os efeitos práticos da lei 10.639/03 (Müller, 2015). Os resultados encontrados por Ana Silva (2011) em resumo, apontam uma perspectiva de mudança. Para a autora apesar da baixa frequência de personagens negros, eles foram representados humanizados, ou seja, com nomes próprios, em família, com direitos e cidadania e em funções diversificadas na sociedade. Por outro lado, Paulo Silva (2005) classificou as eventuais mudanças como epidérmicas, por não promover uma transformação significativa no discurso racista nos livros didáticos, ou seja, apesar de existir mudanças elas não são suficientes para a eliminação do discurso racista no LD.

Alguns resultados de pesquisas realizadas anteriormente com esse tema, apresentam que *personagens brancos como representantes da espécie humana*; percebe-se isso através da taxa de branquitude, ou seja, personagens brancos são muito mais frequentes nas ilustrações (Pinto 1981 apud Negrão 1988; Silva, 2006; Nascimento, 2009; Santos, 2013; Ferreira; Camargo, 2014), além de ocuparem posição de destaque (Nascimento, 2009; Ferreira; Camargo, 2014); enquanto personagens negros, possuem poucas referências (Ratts et al. 2006 apud Santos, 2013) e são sub-representados em relação aos personagens brancos (Silva, P., 2005; Nascimento, 2009; Santos, 2012). Assim sendo, verifica-se uma branquitude normativa, ou seja, o branco, como condição normal da humanidade (Ferreira; Camargo, 2014).

No entanto, Silva (2006) observou que a taxa de personagens negros aumentou em LD's após as avaliações do Programa nacional do livro didático/PNLD; porém, isso é um pequeno avanço e não significa tratamento igualitário.

Outra característica observada é a *sub-representação dos personagens negros* nos LD's (Silva, P., 2005; Nascimento, 2009). Por exemplo, é comum encontrar personagens negros representados em profissões de menor prestígio, realizando trabalhos manuais (Pinto 1981 apud Negrão 1988; Santos 2012; Santos, 2013) ou em profissões estereotipadas como jogadores de futebol, dançarinos e cantores (Ferreira; Camargo, 2014), enquanto brancos são apresentados em diferentes áreas de conhecimento técnico (Santos, 2013). Apesar disso, Paulo Silva (2005) constatou em sua pesquisa que

personagens negros exerciam ligeiramente mais atividades profissionais do que personagens brancos, diferentemente de Santos (2012) que em sua análise a capas de livros didáticos de geografia apenas dois personagens com alguma profissão e todos eram homens e brancos.

Outro aspecto, diz respeito a *atividade escolar*, ou seja, se há personagens estudando ou praticando algo em relação a educação. Os resultados obtidos por Santos (2012) quanto a essa característica, não identifica diferença significativa entre os personagens negros e brancos.

Também é possível notar, que, os personagens negros, bem como o continente africano, estão associados a condições de pobreza, miséria (Ratts; et al. 2006 apud Santos, 2013; Silva, 2006; Costa e Dutra 2009 apud Santos, 2013; Jesus, 2012), demonstrando que as identidades étnico-raciais de não-brancos são apresentadas como subalternas, hierarquizando os povos (Tonini, 2001 apud Santos, 2013).

Apesar de Silva (2006) perceber algumas mudanças, quanto aos personagens negros antropomorfizados que deixaram de ser tão frequentes, ainda é possível verificar muitos deles sendo representados como animais. Esse fato conforme Ferreira e Camargo (2014) pode gerar um desconforto no receptor negro. Também, pode-se notar que personagens brancos são representados com mais frequência como humanos do que personagens negros (Silva, P., 2005; 2006).

Também é possível notar, que nas ilustrações dos LD's a proporção de personagens negros em grupos e multidões é maior que a de personagens brancos (Silva, P., 2005, 2006; Santos, 2012, 2013). Conforme Paulo Silva (2005) esse dado indica que é atribuída menor importância aos personagens negros nos textos.

Outro aspecto que é possível de se verificar em pesquisas anteriores, que *personagens negros aparecem menos frequentemente em contexto familiar* (Pinto, 1981 apud Negrão, 1987; Silva, P., 2005, 2006). Também, é possível perceber que a cultura negra está reduzida a capoeira e as religiões de matrizes africana (Costa; Dutra, 2009 apud Santos, 2013).

Por outro lado, uma pesquisa realizada por Silva, Teixeira e Pacífico (2013) com livros de ciências distribuídos entre 2008 e 2011 aponta mudanças nos discursos. Apesar de ainda existir uma sub-representação dos personagens negros, é possível notar a valorização destes, que passam a ocupar posições valorizadas e figurando como representante da espécie humana (Silva; Teixeira; Pacífico, 2013). Este dado também foi

encontrado por Silva (2011) que em uma pesquisa realizada com livros de português, concluiu que os personagens negros foram representados humanizados. No entanto, são poucas as pesquisas que apontam esses resultados (Silva; Teixeira; Pacífico, 2013).

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória quanto aos objetivos, e documental quanto aos procedimentos, uma vez que se desenvolve a partir de um livro didático, ou seja, um material já elaborado (Gil, 2008).

A partir dos objetivos delineados para a pesquisa, como procedimentos iniciais foi realizado um contato com a diretora de uma escola pública de Timóteo - MG. Neste momento apresentou-se a proposta da pesquisa e a gestora prontificou-se em contribuir, apresentando e disponibilizando os livros didáticos que estariam em utilização entre os anos de 2017 a 2019 no município. Foram cedidos aos pesquisadores, os LD's do 6º ao 9º ano do ensino fundamental das disciplinas de Ciências, Geografia, Inglês, Língua Portuguesa, História, Matemática e Artes.

Em posse dos materiais, passou-se a próxima etapa que seria então, determinar a amostra. Como critério de inclusão, utilizou-se como referência o segundo parágrafo do artigo primeiro da Lei 10.639/03, na qual afirma que os conteúdos de história e cultura afro-brasileira deveriam ser ministrados em todo o currículo escolar, com atenção especial as áreas de Educação Artística, Literatura e História Brasileiras. Diante disso, selecionaram-se os livros das disciplinas correspondentes as áreas citadas acima, a saber, Língua Portuguesa, Artes e História, que totalizaram doze. Os pesquisadores realizaram uma pré-análise das imagens e optaram por realizar a análise em somente um livro, em função da otimização do tempo para a realização da pesquisa.

Em seguida, atribuíram-se números de 01 a 12 para cada livro e realizou-se um sorteio simples, em que foi sorteado o livro didático de Língua Portuguesa, cujo título é: *Português – Linguagens* dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Trata-se da 9ª edição do livro, que foi publicada em 2015, pela editora Saraiva. Este livro está sendo utilizado pelos alunos do 7º ano do ensino fundamental de Timóteo-MG, no triênio 2017-2019.

Tendo definido o material, deu-se início aos procedimentos da análise de conteúdo que conforme Bardin (1977) consiste em um “conjunto de técnicas de análise das comunicações” (p. 31) que se organizam em três etapas cronológicas: 1) pré-análise,

correspondente a organização dos materiais; 2) a exploração do material, que é a fase de análise propriamente dita; 3) tratamentos dos resultados obtidos e interpretação, em que os dados brutos são tratados de modo a se tornarem significativos.

Inicialmente, na pré-análise realizou-se mais um contato com o material através da leitura flutuante. Neste momento, foram definidas as unidades de análise – os personagens ilustrados; bem como as unidades de contexto – definidas como os textos que acompanham as imagens, pois conforme Santos (2012) eles podem possuir informações importantes para os objetivos da pesquisa, uma vez que as ilustrações operam como formas complementares ao texto (Silva, P., 2005).

Neste trabalho, assim como Paulo Silva (2005), entende-se personagem como sinônimo de pessoas, podendo se apresentar em diferentes naturezas, como humano, ser fantástico, animal ou planta antropomorfizada. Foram desconsiderados os personagens ilustrados em charges, tirinhas, textos publicitários, capas de filmes, livros ou revistas e aqueles que se repetem.

Ainda durante a etapa da pré-análise, foi possível definir os atributos pelos quais os personagens seriam analisados. Os atributos escolhidos foram utilizados nas pesquisas de Paulo Silva (2005), Nascimento (2009) e Santos (2012) e adaptado aos objetivos desse estudo.

O primeiro atributo refere-se à *Cor/Raça* dos personagens. Serão considerados apenas os personagens negros e brancos. Para classificá-los, foram observadas a cor da pele, os traços fisionômicos e o cabelo (Nascimento, 2009). É necessário esclarecer que na categoria negra, foram agrupados os personagens pretos e pardos. Sendo que o segmento pardo tendeu a ter a cor da pele um pouco mais clara do que os personagens pretos, além de possuírem alguns traços que caracterizam aquilo que se chama de branco (Silva, P., 2005).

A seguir, outro atributo analisado, refere-se à *Natureza*, que foi dividida entre humana (homem, mulher, menino, menina, etc), antropomorfizada, ou seja, animais, plantas ou objetos com características humanas e fantástica, entendida como personagens humanos criados por outros; encaixam-se nessa categoria seres mitológicos, divinos ou folclóricos (Nascimento, 2009).

Também foi utilizado na análise o atributo *Individualidade*. Nesse quesito os personagens foram classificados como individualizados, ou seja, que se apresentam como único; indivíduos destacados do grupo, sendo estes que se apresentam em grupo

destacado dos demais; e por fim, o personagem-grupo, que pode ser apresentado em dupla, multidão ou grupo (Nascimento, 2009). Quanto aos personagens-grupo, estes, foram contabilizados uma única vez; no entanto, quando há algum personagem em destaque, este é contado novamente como individual destacado do grupo.

No caso da variável cor/raça dos personagens-grupo, eles foram classificados como multiétnicos, quando aparecerem personagens das duas cores. Quando houve na mesma imagem personagens com cor/raça em diferentes proporções, será classificada com a cor/raça que tiver mais indivíduos (Santos, 2012).

Outro atributo utilizado na análise foram o das *relações de parentesco*. Nessa categoria foi possível verificar se os personagens possuíam relações familiares. Geralmente, essa característica foi determinada pelo texto que acompanhava o personagem ilustrado. No entanto, às vezes, as relações de parentescos foram inferidas, por exemplo, duas crianças brincando em casa e com traços semelhantes, foram consideradas irmãs (Santos, 2012).

A *atividade escolar*, também se utilizou dos textos como unidade de contexto. Nesse atributo foi possível identificar se existe alguma referência aos estudos do personagem, ou seja, se frequenta ou frequentou a escola. Nas ilustrações os personagens em contexto escolar; com uniformes, que se apresentam lendo um livro ou exercem uma profissão que necessita de uma formação acadêmica, foram classificados como estudantes (Nascimento, 2009).

Por fim, o atributo *profissão* foi analisado se os *personagens* exercem algum trabalho ou não. Utilizou-se o conceito amplo de profissão, em que foram considerados ocupações: cargos de chefia, indicadores associados à posse de renda (como fazendeiros, donos de meios de produção, etc), líderes religiosos, atividades artísticas, técnicas e manuais (Nascimento, 2009). Foi possível deduzir se os personagens tinham ou não profissão através dos textos, uniformes que utilizavam ou atividade que estavam realizando (Santos, 2012).

Quadro 1. Atributos e categorias utilizados para descrever personagens nas ilustrações

Atributos	Classificação
Cor/Raça	Negro Branco Multiétnico
Natureza	Humana



	Fantástica Antropomorfizada
Individualidade	Individualizados Indivíduo destacado do grupo Personagem grupo
Relações de Parentesco	Apresenta relações de parentesco Não apresenta relações de parentesco
Atividade Escolar	Estuda e/ou estudou Não apresenta atividade escolar
Profissão	Trabalha Não apresenta profissão

Fonte: Adaptado de Paulo Silva (2005); Nascimento (2009) e Santos (2012).

Na etapa seguinte, “exploração do material”, iniciou-se a contagem das ilustrações que contém personagens e foram atribuídos números a cada um deles. Com o auxílio do programa Excel foi criada uma planilha, onde foram anotados os atributos em todos os personagens que se encaixavam no *corpus* desse trabalho.

Por fim, para etapa de tratamento de dados, utilizou-se o programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), no qual foi possível gerar tabelas de frequência simples para cada atributo, que por sua vez foram cruzados com a variável cor/raça.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, foram analisados 134 personagens ilustrados no livro didático que compôs a amostra desse trabalho. Pode-se perceber que os personagens majoritariamente são brancos (84,3%), humanos (86,6%), indivíduos únicos (55,2%), em sua maioria não apresentam relações de parentesco, nem atividade escolar e a maior parte também não exerce profissão.

Na análise do atributo cor/raça, foi possível encontrar 113 (84,3%) personagens classificados como brancos, 17 (12,7%) eram negros e 4 (3%) multiétnicos; este último, são aqueles personagens-grupos em que foi possível identificar personagens negros e brancos na mesma proporção. Diante desses resultados, observa-se que a taxa de branquidade que segundo Paulo Silva (2005) trata-se do número de personagens brancos divididos pelos personagens negros, é de 6,65; isso significa que se encontra um personagem negro a cada 6,65 personagens brancos.

Tal fato, corrobora com os resultados apontados por Pinto (1981 apud Negrão 1987); Silva (2005; 2006), Nascimento (2009); Santos, (2012; 2013); Ferreira e Camargo

(2014) de que personagens brancos aparecem com maior frequência nos personagens ilustrados, assim como no livro que compôs a amostra deste trabalho. Podendo então, inferir que a cor branca é colocada como a cor “natural” da espécie humana, ou seja, está posta como a cor universal da humanidade. Como exemplo, observa-se a figura 1, na qual, apresenta uma mão humana, cuja cor é branca manuseando um *flipbook*.

Figura 1. Exemplo de ilustrações que denotam a condição “naturalizada” da cor branca



Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

O segundo aspecto analisado, refere-se ao atributo natureza (Tabela 1). Foram encontrados 116 personagens humanos, ou seja, 86,6% do total dos personagens ilustrados analisados tinham aparência de um ser humano. Dentre eles, 98 eram brancos (84,5%), 14 eram negros (12,1%) e 4 eram multiétnicos (3,4%). Também foram identificados 15 personagens cuja natureza era fantástica, sendo todos eles brancos. Além disso, verificou-se que os três personagens de natureza antropomórfica, eram negros.

Tabela 1. Frequência da natureza dos personagens ilustrados separados por cor/raça

Natureza	Cor/Raça		
	Branco	Negro	Multiétnico
Humana	98 (84,5%)	14 (12,1%)	4 (3,4%)
Fantástica	15 (100%)	0 (0%)	0 (0%)
Antropomorfizada	0 (0%)	3 (100%)	0 (0%)

Fonte: dados da pesquisa

Os resultados apresentados acima, são semelhantes aos que foram encontrados por Paulo Silva (2005, 2006), que afirma que personagens brancos são encontrados com maior frequência como humanos do que os personagens negros. No entanto, os dados encontrados nessa amostra, contradizem os que foram verificados nos trabalhos de Silva, Teixeira e Pacífico (2013) e Ana Silva (2011); estes identificaram que personagens negros não são representados de forma antropomórfica, porém aqui, percebe-se que todos os personagens antropomorfizados são negros.

Outro ponto que se pode destacar, é que neste livro específico existe uma unidade cujo tema era heróis, por isso, encontra-se um alto índice de personagens cuja natureza é fantástica. No entanto, nota-se que todos os personagens cuja natureza é fantástica, são brancos. Diante disso pode-se inferir que as identidades étnico-raciais de não-brancos são omitidas ou apresentadas como inferior às identidades brancas, uma vez que se valoriza a mitologia greco-romana e não aborda as mitologias africanas (Tonini, 2001 apud Santos, 2013).

Ainda analisando a natureza dos personagens, apesar de ser relativamente pequeno o número de personagens antropomorfizados, percebe-se que todos são negros. Conforme Munanga (2005) citado por Ferreira e Camargo (2014) isso pode gerar um desconforto aos leitores negros que encontram sua cor identificada em seres animalizados. Como no exemplo da figura 2, um bode é representado como negro, o que pode gerar um estranhamento no leitor negro ao ter sua cor de pele associada a um animal.

Figura 2. Exemplo de personagem negro antropomorfizado



Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

Já no que se refere ao atributo individualidade, foram contabilizados 74 personagens apresentados como indivíduo único (55,2%), 49 personagens-grupo (36,6%)

e 11 indivíduos destacados do grupo (8,2%). Nas análises realizadas nesse trabalho, verifica-se que não há uma diferença significativa na proporção de personagem grupo entre negros e brancos. Dos personagens encontrados em grupo, 39 eram brancos, 34,5% dos personagens brancos enquanto 6 eram negros que representam 35,3% dos personagens negros (Tabela 2), ou seja, se comparado em números proporcionais dentro do mesmo grupo quanto ao atributo cor, personagens negros e brancos nesse quesito estão proporcionalmente semelhantes apesar de ser um valor bem discrepante em números brutos.

Ainda assim, percebe-se que existem proporcionalmente, mais personagens brancos individualizados (a soma de indivíduos únicos e indivíduos destacados do grupo). No total são 74 personagens brancos individualizados, ou seja, 65,2% dos personagens brancos, enquanto os personagens negros foram encontrados 11 (64,1%).

Tabela 2. Frequência da individualidade dos personagens ilustrados separados por cor/raça

Individualidade	Cor/Raça		
	Branco	Negro	Multiétnico
Indivíduo Único	64 (56,4%)	10 (58,8%)	0 (0%)
Personagem Grupo	39 (34,5%)	6 (35,3%)	4(100%)
Indivíduo Destacado do Grupo	10 (8,8%)	1 (5,9%)	0 (0%)

Fonte: dados da pesquisa

Os dados obtidos nesse trabalho não confirmam o que foi encontrado nas pesquisas realizadas por Paulo Silva (2005; 2006) e Santos (2012; 2013), nos quais afirmam que é mais comum encontrar personagens negros em grupos se comparado aos personagens brancos; para eles isso indica a atribuição de menor valor aos personagens negros. Pode-se dizer que quanto ao atributo individualidade, nessa amostra, os personagens negros e brancos estão numericamente na mesma proporção.

No entanto, os resultados corroboram com o que apontou Ana Silva (2011), de que há uma perspectiva de mudança, ou seja, personagens negros foram representados de maneira mais humanizada nos LD's mais recentes, principalmente aqueles escritos após a lei 10.639 de 2003. Porém, se analisar os valores brutos, percebe-se que essa mudança

é insignificante; assim como afirmou Paulo Silva (2005), pois numericamente há muito mais personagens brancos do que negros, tanto individualizados quanto em grupo.

Na figura 3, percebe-se uma ilustração que contribui para essa discussão, no qual diversos estudantes em grupo são representados de maneira humanizada; no entanto, dentre seis personagens, apenas um é negro. Vale a pena ressaltar que conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ IBGE em 2014 53,6% da população brasileira se declara negra.

Figura 3. Exemplo de maior quantidade numérica de brancos em relação a personagens negros



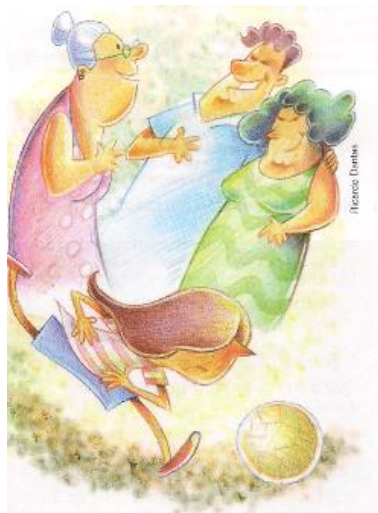
Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

Quanto ao atributo relações de parentesco, foi possível identificar 15 personagens (11,2%) que possuíam algum vínculo familiar. Dentre esses, que possuíam família, 13 eram brancos (86,7%) e 2 eram negros (13,3%). Os dados encontrados nessa análise, vão ao encontro dos resultados encontrados por Pinto (1981 apud Negrão, 1987) e por Paulo Silva (2005; 2006) de que personagens negros aparecem menos em contexto familiar do que personagens brancos.

De maneira geral foi mais fácil identificar os vínculos familiares dos personagens brancos, que se mostraram mais complexos (figura 4) do que os personagens negros (figura 5). Na figura 4, é possível observar a relação familiar entre pais-filhos, entre avó-neta e marido-mulher, enquanto na figura 5 encontra-se apenas uma relação entre irmãos. Esse fato reitera as pesquisas de Paulo Silva (2005), Nascimento (2009) e

Santos (2012) quando afirmam que personagens brancos são mais elaborados do que personagens negros.

Figura 4. Exemplo de ilustração de uma família de personagens brancos



Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

Figura 5. Exemplo de ilustração de uma família entre personagens negros



Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

No atributo seguinte, foram analisadas as atividades escolares dos personagens ilustrados. Nesse aspecto foi possível identificar 45 personagens (33,6%) que de alguma forma possuíam uma referência se estuda, ou estudou em alguma etapa da vida. Dentre os personagens que apresentaram realizar alguma ação escolar, verificam-se que 40 são brancos (88,9%), 4 são negros (8,9%) e 1 é multiétnico (2,2%). Nesse sentido, pode-se



perceber que a cada 10 personagens que exercem algum estudo, um é negro; sendo assim, nessa amostra o personagem negro não está em destaque nos contextos escolares e acadêmicos (Figura 6). Os resultados aqui obtidos diferem do que foi encontrado por Santos (2012) que obteve dados que não demonstraram diferenças significativas entre negros e brancos nesse atributo.

Figura 6. Ilustração de um grupo multiétnico, em que mostra dois brancos e um negro, sendo que o negro está em plano de fundo.



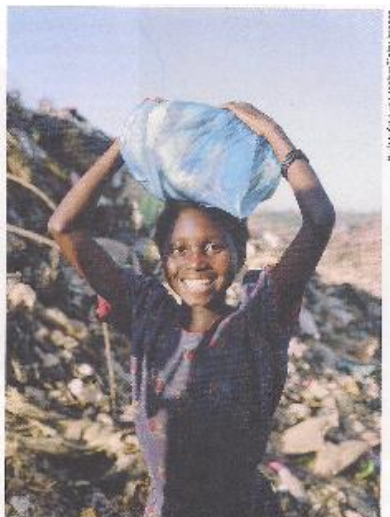
Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

O último atributo analisado refere-se à profissão. Foi possível constatar que 41 dos personagens analisados (30,6%) possuíam alguma atividade que foi caracterizada como profissão. Dentre esses, foi possível identificar 38 brancos (92,7%), um era negro (2,4%) e dois eram multiétnicos (4,8%). Os dados obtidos aqui corroboram com Santos (2012) que encontrou poucos personagens exercendo alguma profissão, sendo em sua maioria brancos. Porém, diferentes dos dados encontrados por Paulo Silva (2005) que não observou diferenças significativas entre negros e brancos.

Outro fator que diz respeito a esse atributo, refere-se ao tipo de trabalho. Foi possível identificar 20 profissões diferentes. Os personagens negros juntamente com os multiétnicos exercem três delas, enquanto os personagens brancos contando também com os multiétnicos são 19. Sendo que todos os personagens negros exercem algum tipo de profissão manual (catador de lixo, voluntário e soldado), enquanto os brancos possuem uma diversidade maior no que se refere ao tipo de profissão (escritor, soldado, governante, jornalista, professor, veterinário, etc). Tal fato vai ao encontro do que afirmam Pinto (1981 apud Negrão, 1988), Santos (2012; 2013) de que é comum encontrar

negros em profissões de menor prestígio (figura 7) e os brancos em inúmeras possibilidades de conhecimento técnico (Santos, 2013).

Figura 7. Ilustração de um personagem negro exercendo uma atividade profissional

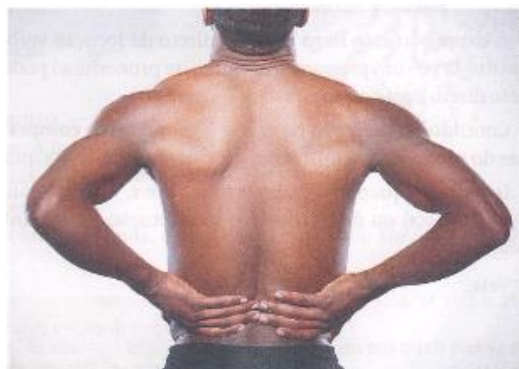


Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

Outro elemento que se pode relacionar com a profissão, é de que muitas vezes quando o personagem negro foi apresentado de forma individualizada, foi fazendo referência à condição física do indivíduo negro. Acredita-se que esse fato reforça o estigma de que os indivíduos negros estão destinados a executar trabalhos que exigem força física (como no caso do exemplo acima, como catador de lixo). Este resultado reflete as análises realizadas no *Relatório Anual das desigualdades no Brasil 2009-2010* citado por Santos (2012), em que afirmam que pretos e pardos estão em condições inferiores no mercado de trabalho.

Ainda quanto ao estigma da condição física do indivíduo negro, Ferreira e Camargo (2014) apontam que é comum encontrar essa característica evidenciada; em nossa amostra, por exemplo, um personagem negro aparece correndo, ou como na figura 8 em que a intenção da imagem é justamente dizer da estrutura física do sujeito negro. Em nossa análise, podemos inferir que apresentar o sujeito negro apenas no que se refere a sua condição física ajuda a propagar alguns estereótipos.

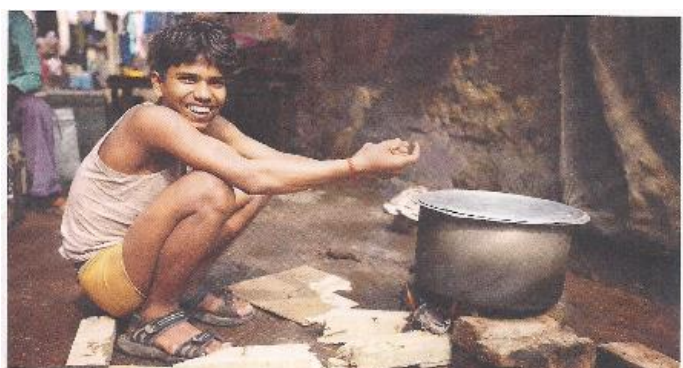
Figura 8. Exemplo de ilustração em que se valoriza o personagem negro pela condição física



Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

Por fim, outro aspecto observado durante as análises aqui realizadas, foi a de que personagens negros em diversas vezes são colocados em situações de vulnerabilidade social. Percebe-se isso na Figura 7 apresentada acima, como também na Figura 9; ambas mostram o sujeito negro em condições de miséria e pobreza. Isso também foi observado em trabalhos anteriores como o de Ratts e outros (2006 apud Santos, 2013), Silva (2006), Costa e Dutra (2009 apud Santos, 2013) e Jesus (2012).

Figura 9. Exemplo de personagens negros em condição de vulnerabilidade social.



Fonte: Cereja e Magalhães (2014)

De maneira geral, pode-se perceber que os personagens negros identificados no livro didático analisado, são representados geralmente em contextos estereotipados, como a pobreza ou a condição física. Além disso, apresentam poucas referências de relações familiares, atividade escolar e profissão. Por outro lado, os personagens brancos em geral são mais elaborados e diversificados; também, é possível notar que aparecem mais do que

personagens negros. Diante disso, reiteram-se os resultados encontrados por Jesus (2012); por Santos (2012); por Paulo Silva (2005); Nascimento (2009); Ferreira e Camargo (2014) de que existe uma relação de desigualdade entre personagens negros e brancos no livro didático analisado. Diante disso, assim como Munanga (2005), observa-se que o material analisado possui conteúdos depreciativos e estereotipados do indivíduo e da cultura negra, percebendo-se, portanto, a persistência de um racismo estrutural (Santos, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, se propôs a identificar e analisar os personagens negros ilustrados em um livro didático de língua portuguesa e compará-los com os personagens brancos. Para tanto, foram definidos alguns atributos de análise, sendo estes: cor/raça, individualidade, natureza, atividade escolar, relações de parentesco e profissão.

Ao realizar os procedimentos, foi possível verificar que de 134 personagens identificados apenas 17 eram negros e os outros 113 brancos, ou seja, a cada 6,65 personagens brancos, encontra-se um negro; pode-se inferir, portanto, que a condição de branco é naturalizada nas ilustrações.

Além disso, quanto à natureza, verificou-se que existiam apenas personagens negros antropomorfizados, ou seja, seres animalizados. Também foi possível observar que existiam mais personagens brancos humanos do que personagens negros. O atributo individualidade, foi o único que não se percebeu uma diferença significativa, uma vez que a maioria dos personagens negros (58,8%) foram apresentados de maneira individualizada.

Também, foi possível perceber nos resultados que é mais comum encontrar personagens brancos realizando alguma atividade escolar, com relações familiares ou exercendo alguma profissão que os personagens negros. Percebeu-se ainda, que é mais fácil identificar atributos nos personagens brancos; por exemplo, no caso das famílias de personagens negros, às vezes foi necessário inferir alguma relação de parentesco, enquanto nas de personagens brancos rapidamente consegue-se perceber.

Esses dados comprovam a hipótese inicial de que os personagens negros estariam apresentados em condições inferiores e sub-representados se comparado aos personagens brancos.

Se faz necessário pontuar que os autores dos livros didáticos não são responsáveis pela escolha das imagens, geralmente sendo escolhidas pela editora. No que se refere às limitações do trabalho, destaca-se que foi analisado apenas um livro de língua portuguesa. Sugere-se que novas pesquisas com esse tema continuem a ser realizadas, se possível com um *corpus* maior.

Por fim, acredita-se que a pesquisa alcançou os seus objetivos e é relevante para a literatura da área, uma vez que contribui para a fiscalização da lei 10.639 de 2003, bem como na construção e discussão de um espaço igualitário dentro das escolas.

REFERÊNCIAS

ALBURQUEQUE, W. R.; FRAGA FILHO, W. *Uma História do Negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENTO, M. A. S. *Cidadania em preto e branco*. São Paulo: Ática, 2006

BRASIL, Brasília, *Decreto nº 91.542*, de 19 de agosto de 1985. Institui o Programa Nacional do Livro Didático, dispõe sobre a sua execução e das outras providências. *Diário oficial* (da união) Brasília, p. 12.178. 20 de agosto de 1985, seção 1.

FERREIRA, A. H. *Discursos étnico-raciais proferidos por candidatos/as a programas de ação afirmativa*. Dissertação (Doutorado em Psicologia Social) São Paulo: PUC-SP, 2001

FERREIRA, A. J.; CAMARGO M. O racismo cordial no livro didático de língua inglesa aprovado pelo PNL. *Revista ABPN*. 6 (12), 2014.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas, 6ª ed. 2008

GUIMARÃES, A. S. A. Depois da democracia racial. *Tempo social: Revista de sociologia da USP*, v. 18, n 2, 2006.

IANNI, O. O negro e o socialismo. In: IANNI, O. et all. *O socialismo em discussão*. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2005.

JESUS, F.S. O Negro no Livro Didático de História do Ensino Médio e a Lei 10.639/03. *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n.1, p. 141-171, jan./jun. 2012.

MOORE, C. *Racismo e Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

MÜLLER, T. M. P. A história que não é contada: narrativas docentes sobre a escolha do livro didático e a Lei 10.639/03. In: *Revista Teias*, v. 14, n. 34, 2013.

_____. A Produção Acadêmica sobre a imagem do Negro no Livro Didático: Estado do Conhecimento (2003-2013). *37ª Reunião Nacional da ANPEd – 04 a 08 de outubro*, UFSC, Florianópolis, 2015.

MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.



_____. (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 2005.

NASCIMENTO, S. L. *Relações raciais em livros didáticos de ensino religioso do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2009.

NEGRÃO, E. V. A discriminação racial em livros didáticos e infanto-juvenis. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 63, p. 86-87, nov. 1987.

PINTO, R. P. A representação do negro em livros didáticos de leitura. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987

ROSEMBERG, F.; BAZILLI, C.; SILVA, P. V. B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: v. 29, n. 1, p. 125-146, jan.-jun. 2003

SANTOS, W. O. *Relações raciais, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e livros didáticos de Geografia*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, 2012.

_____. Espaços de negros e brancos em livros didáticos de Geografia do estado do Paraná. In: *Ciência e Educação*, Bauru, vol.19, no.4 Bauru, 2013.

SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, A. C. *A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? Por que mudou?* Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. A desconstrução da discriminação no livro didático In: MUNANGA, K. (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, 2005.

SILVA, M. A. A Fetichização do Livro Didático no Brasil. *Educação Real*, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set/dez. 2012.

SILVA, P. V. B. *Relações Raciais em livros didáticos de Língua Portuguesa*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). PUC- SP, São Paulo, 2005.

_____. Racismo discursivo e avaliações do programa nacional de livros didáticos. *InterMeio: revista do programa de pós-graduação em Educação*, Campo Grande - MS, v.12, n. 24, p. 6-29, jul. / dez. 2006.

SILVA, P. V. B.; TEIXEIRA, R.; PACÍFICO, T. M. Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros didáticos. In: *Educação e Pesquisa*, vol.39, no.1, São Paulo, jan/mar. 2013.

Recebido em junho de 2018
Aprovado em setembro de 2018